Ásia Central

I. Tendências gerais

Existe uma história comum às repúblicas da Ásia Central: todas pertenceram à URSS e são muito interdependentes, devido ao modo como partilham os recursos naturais são partilhados na região. O Quirguizistão e o Tajiquistão tutelam os recursos hídricos da Ásia Central, enquanto o Cazaquistão, o Turquemenistão e o Uzbequistão possuem gás natural e petróleo. Ao mesmo tempo, os regimes autoritários que detêm o poder nestes novos estados esforçam-se por se tornarem autónomos e mais independentes, de maneira a reforçaram a sua identidade e deixarem de depender dos vizinhos. O facto de terem atribuído prioridade máxima aos seus interesses nacionais explica o fracasso das organizações regionais viradas para a integração económica — nomeadamente a Organização para a Cooperação na Ásia Central, a Comunidade Económica Eurasiática, ou a Organização para a Cooperação Económica … Contudo, estes países mostram-se de acordo sobre questões de segurança, quanto à "luta contra o terrorismo", contra o separatismo e em prol de fronteiras seguras...

Abriram as suas fronteiras a partir da década de 1990. Embora antes dessa época a região parecesse preocupar-se pouco com migrações, a verdade dos factos é que existia um elevado nível de migração interna por razões políticas (transferência no tempo de Estaline) e por razões económicas (em particular rumo aos complexos mineiros e siderúrgicos do Cazaquistão). Por isso, o factor novo é sobretudo a abertura das suas fronteiras externas.

No início da década de 1990, muitas pesoas que não eram cidadãos das repúblicas étnicas abandonaram estes países. Eram sobretudo eslavos (da Rússia, da Ucrânia e de Belarus), alemães, tártaros, etc. Partiram para evitarem conflitos (guerra civil no Tajiquistão, entre 1992 e 1997), crises políticas (instauradoras de regimes autoritários e/ou ditatoriais), crises económicas (encerramento de fábricas), degradação do sistema educativo, discriminação laboral (devido a "preferências nacionais") mas também devido a um reflexo colonial (combinação entre um sentimento de superioridade frustrada e de desprezo pela língua e cultura locais). Os governos das novas repúblicas não encorajaram as pessoas a partir porque isso significava perderem gestores, técnicos, cientistas e intelectuais. Por conseguinte, com bastante relutância, tomaram medidas políticas destinadas a convencer as pessoas a ficar, aceitando o russo como segunda língua oficial, ou como língua franca (no Cazaquistão, Quirguizistão e Tajiquistão), ou a dupla nacionalidade. Estes migrantes não se sentiram muito bem vindos na Rússia, ou ficaram tão desiludidos que muitos regressaram à Ásia Central. Os movimentos migratórios abrandaram na segunda metade da década de 1990, apesar de alguns recrudescimentos causados por acontecimentos políticos (como a revolução no Quirguizistão, ocorrida em 2005).

Na actualidade, regista-se uma tendência no sentido de migrações crescentemente diversificadas e interligadas, com participação de homens e mulheres, fluxos legais e ilegais, partidas por motivos económicos, políticos e humanitários (refugiados e requerentes de asilo). Há alguma confusão entre migrantes e refugiados, uma vez que muitos refugiados potenciais optam por arranjar empregos, sobretudo ilegais, no sector informal (trabalhando nos bazares, no pequeno comércio, etc.) Os sistemas que regulam o direito de asilo, quando existem, baseiam-se em fortes motivações políticas que apregoam o retorno ao sistema soviético. Nos acordos de cooperação judicial assinados entre os estados da região, pouca importância se atribui aos respectivos compromissos internacionais em matéria de protecção aos refugiados; existe, portanto, o perigo grave de que estes se vejam rejeitados, como aconteceu no Quirguizistão, Cazaquistão, Rússia e Geórgia com a deportação de refugiados e requerentes de asilo provenientes do Uzbequistão. O Uzbequistão é o único destes países que não subscreveu a Convenção de Genebra de 1951, nem o Protocolo Adicional de 1967 sobre o estatudo dos refugiados.

Tem-se assistido na Ásia Central a muitos conflitos classificados como inter-étnicos ou inter-religiosos. Na maioria das vezes, contudo, eles são originados por motivos de apropriação do poder económico e político, que podem aproveitar-se das diferentes identidades étnicas e religiosas sem serem a sua principal causa. Este conflito afecta a totalidade da região. Houve perseguições no Uzbequistão antes do desmantelamento da URSS; em 1991, registaram-se acontecimentos deste tipo em Uzgen, no Quirguizistão; a guerra civil eclodiu no Tajiquistão e, em Maio de 2005, verificaram-se massacres em Andijan, no Uzbequistão, que se repercutiram em toda a região. Esta área é igualmente afectada pela situação no Afeganistão, sobretudo por existiram muitos refugiados afegãos – indivíduos de etnia uzbeque, tajique ou turcomana – na Ásia Central. Ela pode transformar-se também num novo território de expansão para o Islão radical (proveniente do Afeganistão e Paquistão) mas também, e cada vez mais, num instrumento de extremismo religioso (sobretudo *Hizb-ut-Tahi*r) para as autoridades no poder.

A Ásia Central é igualmente uma importante zona de trânsito para o tráfico de seres humanos, devido à sua localização favorável entre a Europa e a Ásia, e entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Existe também o peso da pobreza e do desemprego, a inexistência de legislação sobre movimentos migratórios, fronteiras difíceis de controlar (desertos e montanhas), corrupção e as muito antigas e bem conhecidas rotas do tráfico de droga... A maior parte das pessoas que atravessam a Ásia Central vêm dos seguintes países: Afeganistão, Índia, Paquistão, Bangladeche, Sri Lanka e China.

Também se desenvolveram ao longo dos últimos anos migrações em busca de emprego, em grande parte ilegais e não controladas, embora os estados afirmem a sua vontade em gerir estes movimentos, em especial através de legislação sobre migração externa. As remessas de dinheiro (fora dos circuitos bancários) transferidas pelos migrantes provenientes das repúblicas da Ásia Central, são economicamente importantes, mas os migrantes representam uma perda de mão-de-obra dos seus países.

O Cazaquistão tornou-se uma atracção, bem como uma passagem entre a Rússia e a Europa. A migração para o Cazaquistão a partir de outros países deve-se sobretudo a factores económicos: desemprego elevado (as estatísticas oficiais são sempre estimativas por defeito), pobreza, crises políticas e crises económicas. Há muitos outros motivos que atraem as pessoas ao Cazaquistão: a economia beneficiou muito do aumento dos preços do petróleo, o mercado laboral encontra-se em expansão (em particular na indústria da construção civil), os salários são atraentes (o salário médio no Cazaquistão é 4 a 5 vezes superior ao do Quirguizistão ou do Uzbequistão) e os vistos são mais

facilmente concedidos a cidadãos das outras repúblicas (embora menos aos do Turqueministão e o Uzbequistão). Acresce que as migrações para o Cazaquistão são, em grande medida, ilegais e sem controlo, com fácil travessia das fronteiras, faltando meios técnicos e grassando a corrupção.

Há igualmente muitas migrações causadas por desastres ambientais, desertificação, desflorestação, degradação dos solos devida a excesso de irrigação e poluição causada por adubos químicos, terramotos e desprendimentos de terras. A situação é especialmente dramática nas margens do Mar de Aral e do Mar Cáspio, perto das instalações nucleares do Cazaquistão, na região onde os resíduos nucleares são armazenados no Quirguizistão (Mailu-Suu), no sul do Quirguizistão e do Tajiquistão, onde ocorrem frequentes desprendimentos de terras, na área de ensaios nucleares de Lop Nor (Xingjian) e no oeste do Tibete, onde existe um elevado grau de desflorestação.

Na actualidade, as migrações chinesas estão a aumentar em força (dos Han e dos não-Han, em particular dos Uigures), uma vez que a política de sinização (ou "colonização" interna) levada a efeito por Pequim afecta as regiões "autónomas" (a Região Autónoma dos Uigur, a Mongólia Interior, o Tibete). Esta situação gera dissensão e medo do "perigo amarelo", sobretudo no Quirguizistão.

II. Quadros nacionais

Quirguistão

Muitos migrantes, na sua maioria ilegais, viajam para o Cazaquistão e para a Rússia em busca de emprego. Calcula-se que o número de trabalhadores quirguizes na Rússia ronde os 300.000 a 500.000, i.e. 10% da população total. Os trabalhadores são sobretudo pertencentes à classe média ou estudantes com grau académico (nomeadamente professores), que trabalham nos bazares de roupas e tecidos e no sector informal. Os estudantes partem também com o objectivo de complementarem a sua formação. Migrar em busca de trabalho tornou-se um factor essencial para a economia do Quirguistão: os envios de dinheiro impulsionam a economia nacional; quando regressam à sua pátria, os migrantes estabelecem pequenas casas comerciais; são gerados investimentos e os cidadãos regressados põem em prática as competências que adquiriram no estrangeiro, etc. Contudo, uma legislação mais rígida no que respeita à imigração e aos movimentos xenófobos na Rússia está a tornar a vida cada vez mais difícil para os migrantes (embora a situação não seja tão difícil para os quirguizes como para outros povos do Cáucaso).

Em Maio de 2005, depois do cerco à população Andijan na praça central, as forças governamentais alvejaram parte da população, acusando-os de terem apoiado um grupo de extremistas islâmicos. Os cálculos não oficiais denunciam o assassinato de quase 1.000 pessoas, entre elas mulheres, crianças e idosos. Após o massacre de Andijan, muitos refugiados uzbeques foram para o sul do Quirguistão, provocando uma crise política com o Uzbequistão e com graves repercussões económicas, nomeadamente a subida dos preços do petróleo.

Sempre que há conflitos políticos, os russos "éticos" vão para a Rússia. A situação tornou-se mais estável na segunda metade da década de 1990; as últimas partidas em massa tiveram lugar durante a revolução de Março de 2005, quando o presidente Askar Akaev teve de partir para o exílio. Entre 1990 e 2002 aproximadamente 400.000 russos abandonaram o país. Esta perda foi sentida sobretudo ao nível da indústria, engenharia e entre a comunidade intelectual. Para além do mais, estas pessoas ajudaram a estabilizar a situação económica e política do país. Em muitos casos, os

membros mais velhos da família ficavam no Quirguistão e recebiam ajuda financeira dos seus filhos que deixaram o país.

O Quirguistão tem também refugiados e migrantes provenientes do Tajiquistão; cerca de 20.000 deixaram o seu país desde 1991, a maioria entre 1992 e 1997, em virtude da guerra civil. Estes migrantes são geralmente de etnia quirguiz do Tajiquistão, tendo-se estabelecido inicialmente no sul (Osh, Jalalabad, Batken) e depois rumado para norte (Bishkek e Vale de Chui). O estatuto de refugiado foi concedido à maioria dos migrantes, mas a situação torna-se mais difícil para aqueles que chegaram depois de 1997. Hoje, sentem a constante ameaça de lhes verem retirado o seu estatuto de refugiado. O Alto Comissariado para os Refugiados (ACR) criou programas para os repatriar e está a exercer pressão junto das autoridades do Quirguistão e Tajiquistão no sentido de estas lhes concederem condições especiais na obtenção da cidadania quirguiz (sobretudo para os tajiquistaneses de etnia quirguiz).

Há igualmente refugiados afegãos no Quirguistão: alguns deles beneficiaram dos programas do Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas (ACRNU) no sentido do seu restabelecimento no Canadá ou Estados Unidos da América. Esta situação originou outros êxodos. Embora não sejam em grande número, os refugiados Uigur provenientes da China são particularmente vulneráveis. No Quirguistão não lhes é concedido o asilo e nem sequer estão registados como candidatos a asilo. O seu destino está então dependente da sua rede de relações e dos contactos que conseguem estabelecer através desta rede com o ACRNU de forma a obter um programa de emergência para o seu restabelecimento. Por último, o Quirguistão aceita também refugiados chechenos: não são considerados como refugiados, mas estão registados como candidatos a asilo. A maioria destes migrantes nasceu ou tinha sido exilada para o Quirguistão pouco antes, ou imediatamente depois, da queda da URSS. Mudam-se de um país para o outro de acordo com o desenvolvimento da situação na Chechénia.

O Quirguistão está seriamente afectado pelo tráfico de pessoas. As redes de prostituição são numerosas nas fronteiras quirguizes; esta prostituição pode ser de cariz “voluntário” ou forçado. É dito frequentemente às jovens quirguizes que lhes irão fazer um contrato como “empregadas domésticas”, mas são na verdade enviadas para trabalhar como prostitutas, especialmente nos EAU.

Uzbequistão

Com mais de 26 milhões de habitantes, o Uzbequistão é o país mais populoso da região. Está a viver uma situação de imigração de trabalhadores ilegais em larga escala, que representam 7% da população activa, para os países vizinhos. Estes migrantes são sobretudos do sexo masculino, mas há cada vez mais mulheres a migrar, sobretudo para o Cazaquistão e Quirguistão. Os principais países de destino são a Rússia, o Cazaquistão (região fronteiriça, Shymkent) e o Quirguistão (Vale de Fergana), mas há um pequeno número de migrantes que rumam ao Irão, Turquia, Coreia, Europa e Estados Unidos da América. A falta de competências técnicas é especialmente notória nas regiões de Tashkent e Samarkand. Os migrantes não têm qualificações e não são competitivos no mercado de trabalho estrangeiro, como tal, são facilmente explorados em indústrias difíceis e perigosas como são a da construção e da agricultura.

O Uzbequistão não é signatário da Convenção de Genebra no que respeita ao Estatuto de Refugiados. Por este motivo, os refugiados do Afeganistão (principalmente de etnia Uzbeque) ou de

outros países não beneficiam actualmente de qualquer protecção legal. Após os massacres de Andijan em Maio de 2005, o Governo expulsou as organizações internacionais, com principal destaque para o Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas (ACRNU) e as organizações estrangeiras não governamentais, tais como a "Casa da Liberdade" (*Freedom House*). Estes acontecimentos levaram à partida de cerca de 500 Uzbeques que encontraram refúgio no Quirguistão. Inicialmente acolhidos num campo do ACRNU, praticamente todos eles foram evacuados para a Europa e América do Norte. Actualmente, muitos Uzbeques continuam a fugir para o Quirguistão, Rússia, Ucrânia, etc, e misturam-se com os trabalhadores migrantes sempre que podem.

O Uzbequistão tem sido especialmente afectado pelas deslocações internas provocadas por factores ecológicos, particularmente pela desertificação do Mar Aral e degradação do solo.

Cazaquistão

O Cazaquistão tornou-se num país de imigração nos últimos anos. Os migrantes, legais ou não, trabalham pelo país fora em escritórios, campos, fábricas, indústria da construção (Astana), minas, lojas, mas fornecem também redes de prostituição… a maioria dos trabalhadores agrícolas estão no sul do país; estes são maioritariamente Uzbeques (foram registados mais de 17.000 em 1991 e mais de 24.000 em 2002), mas são também de origem quirguiz e Tadjique. A maioria destes imigrantes vem de outras repúblicas da Ásia Central, mas alguns vêm do Afeganistão, Paquistão e Índia. Alguns destes migrantes são sazonais e ilegais; de acordo com algumas estatísticas, calcula-se que haja cerca de 1 milhão de migrantes com contratos de trabalho sazonal.

O sistema nacional de impostos encoraja os empresários (tanto as pequenas como as grandes empresas) a contratar estrangeiros ilegais, uma vez que constituem uma força de trabalho mais fácil de controlar e os empregadores podem agir com relativa impunidade, uma vez que as sanções impostas por incumprimento da legislação laboral não são suficientes para desencorajar os lucros ganhos pelo facto de se empregar trabalhadores estrangeiros.

O Cazaquistão é uma das principais rotas de migrantes e traficantes com rumo à Rússia e à Europa. A fronteira Rússia-Cazaquistão, muito de difícil de controlar, é actualmente uma das maiores fronteiras do mundo. O Cazaquistão tem uma fronteira com mais de 12.000 km, 6.846 km dos quais são partilhados com a Rússia.

Após a obtenção da independência, o Cazaquistão desenvolveu uma política de encorajamento para os Cazaques espalhados pelas outras repúblicas da Ásia Central, mas também na China e na Mongólia, no sentido de regressarem à sua terra natal. Em 2005, mais de 85.000 pessoas de etnia Cazaque (conhecidos como *Oralman*) regressaram ao Cazaquistão, vindos principalmente do Uzbequistão. Os que tinham trabalho não chegavam a metade, visivelmente fruto da sua falta de formação. Este influxo de Cazaques criou fortes tensões junto da população local, tendo alguns dos *Oralman* sido implicados em actividades criminais, outros acusados de roubar terras e de "usurparem" as mesmas. A integração destas populações apresenta grandes problemas, sobretudo por causa do estabelecimento dos *Oralman* em locais que já têm por si uma alta taxa de desemprego, mas também em virtude da falta de compreensão por parte das autoridades relativamente às suas necessidades e à forma de valorizar as suas qualificações. O Governo Cazaque, assoberbado pela sua propaganda de repatriação, está agora a tentar rectificar a política oficial. Parafraseando J.F.Kennedy: a questão "não é tanto aquilo que o país pode dar aos *Oralman*, mas sim o que os *Oralman* podem trazer para a sua pátria".